

2000

Linha Viva

15/10/92 Nº 200

Cara nova

Ministro diz que Setor Elétrico sofreu "vandalismo"

Pag. 2

Projeto Memória conta a história do Sinergia

Pag. 6

Eletrosul tenta censurar exposição de arte

Pag. 7

Conheça o novo projeto gráfico do Linha Viva

Pag. 3



CONTRIBUIÇÃO CONFEDERATIVA

Conquista inegável do movimento sindical, a Contribuição Confederativa, prevista na Constituição Federal, é uma forma dos sindicatos democraticamente recorrerem à categoria (através das assembleias) para, quando necessário, canalizar recursos financeiros para as suas lutas e necessidades específicas.

A Intersindical dos Eletricistas, desde a promulgação da Constituição vem se utilizando desta conquista, encaminhando e aprovando durante suas campanhas salariais descontos de 1 ou 2 dias de salário para suporte econômico das suas atividades.

Infelizmente, sindicatos adesistas, com uma postura típica de "gigolô de movimento", vem inescrupulosamente se apropriando da maior parte destes recursos alegando representar determinado segmento da categoria. É evidente e ao mesmo tempo lamentável que esta iniciativa só ocorreu com a cumplicidade e a convivência das próprias diretorias das empresas, que com a clara intenção de atingir a organização dos trabalhadores incentivou a proliferação destes sindicatos no seio da empresa. Só para exemplificar, o Sindicato das Secretárias, através de uma assembleia convocada pelo Diário Oficial, aprovou a título de Contribuição Confederativa um desconto de 8% do salário das secretárias da Celesc. E, assim como este exemplo, outros se repetem.

O assunto é de tal gravidade que no ano passado mais da metade dos recursos provenientes da Contribuição Confederativa, aprovado nas assembleias dos sindicatos majoritários, foi desviado para os sindicatos diferenciados, obrigando os sindicatos dos eletricistas fazerem uma verdadeira ginástica para honrar seus compromissos. Só para ilustrar, o Fundo da Intersindical da Eletrosul, criado há quatro anos e que sempre atendeu às necessidades do confronto da categoria, tem hoje um déficit de Cr\$ 40 milhões, justamente porque sua verba foi repartida para outros sindicatos.

Diante deste quadro ficou estabelecido que cada sindicato em função das suas peculiaridades e dificuldades buscava alternativas junto ao seu quadro de associados, para que a luta não sofria descontinuidade, por causa de uma eventual debilidade financeira. No caso específico do Sinergia, em assembleia, a categoria base Eletrosul aprovou a proposta da diretoria do sindicato de não descontar nenhum dia da categoria a título de Contribuição Confederativa para o sindicato. Entretanto, para recompor o Fundo da Intersindical da Eletrosul esta mesma assembleia definiu um acréscimo de mensalidade de 0,3% do salário-base, a partir de novembro de 92.

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação da Intersindical dos Eletricistas de Santa Catarina com tiragem de 7500 exemplares semanais. Diretor Responsável: Dinovado Gilloli Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Mari Cristina Scornazzon. Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricistas de Florianópolis. Impressão: Gráfica do Jornal O Estado. Redação: rua Laocídia Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP 88015-030. Fone: (0482) 22-3866. Telefax (0482) 23-5596. Telex 481555. As matérias assinadas não correspondem necessariamente a opinião do jornal.

Ministro diz que Setor Elétrico sofreu vandalismo

O novo Ministro das Minas e Energia, Paulino Cícero, disse ontem em audiência com o Comando Nacional dos Eletricistas estar "indignado" quanto a gestão de algumas estatais vinculadas ao seu ministério. "O que levei ao conhecimento do Presidente Itamar foi de que praticaram um vandalismo técnico-administrativo nestas empresas".

Estava na pauta do CNE para discussão com o ministro, na quarta-feira: 1) Projeto de Concessões, 2) Edital de Licitação do BNDES sobre a privatização da Ligth-Escelsa, 3) Modelo Institucional para o setor, 4) Diretoria das empresas, 5) Negociação da data-base e, 6) Anistia dos punidos.

O Ministro Paulino Cícero se comprometeu a envolver o CNE em todos debates sobre os temas Projetos de Concessões e Modelo Institucional em qualquer fórum em que aconteçam. Sobre a privatização da Ligth-Escelsa, o Ministro das Minas e Energia disse acreditar ser difícil suspender o edital de venda, marcada para dia 19 de

outubro (conforme pedido do CNE), mas fez questão de ressaltar que o atual governo não está necessariamente comprometido com este processo, já que foi todo tratado no Governo Collor. Cícero declarou também que o processo de privatização tem que evoluir para uma discussão nacional e "não se limitar a botar elefantezinho andando pra cá e pra lá".

O CNE explicou ao Ministro que as atuais direções das estatais ligadas ao seu ministério representam tudo aquilo do qual o Brasil quer se ver livre. E, sem ter a pretensão de influir em indicações o Comando falou do perfil ideal dos novos dirigentes: pessoas vinculadas ao setor e abertas ao diálogo. O ministro se disse a par da atual situação das empresas e fez questão de frisar que houve "um vandalismo técnico e administrativo e o presidente Itamar ciente deste quadro já manifestou sua preocupação com o desmonte verificado nas empresas do setor".

Sobre a campanha salarial o Ministro na mesma hora determinou que Wilson Marques - re-

sponsável pelas negociações do grupo Eletrobrás e que se reunirá hoje (quinta-feira) pela manhã com o CNE - elaborasse um documento mantendo a data-base e negociasse a reposição das perdas salariais. O restante da negociação, tanto pauta nacional como as específicas, será discutido apenas depois que assumirem as novas administrações, tendo em vista a dificuldade de relacionamento com as atuais. Paulino Cícero instruiu também o seu Secretário Nacional de Energia, Luiz Alqueres, a determinar que nenhuma das direções das empresas da Eletrobrás façam qualquer demissão até que o processo de negociação se encerre.

Ao final da audiência o Ministro pediu um tempo para o CNE para poder se pronunciar sobre a anistia aos punidos. Ele quer se inteirar do que ocorreu.

Após a reunião de negociação hoje pela manhã com Wilson Marques, da Eletrobrás, o CNE tem audiência marcada com o novo Ministro do Trabalho, Walter Borelli.

Dois candidatos impugnados na eleição da Celos

A Justiça não concedeu liminar para que os dois candidatos a Curadores da Fundação Celos, Osmar Soares e Sérgio Edil Menegol, pudessem participar das eleições. Eles foram impugnados pelo candidato Paulo Roberto Anderson, de Joaçaba. A alegação foi de que os dois eram liberados para desenvolverem seus trabalhos em sindicatos.

Assim, a eleição que acontece nesta segunda-feira, 19 de outubro, vai contar com cinco candidatos. Além de Paulo Roberto, estarão concorrendo Carlos Henrique, José Murilo e Wameli de Souza e Benhur de Castro Romariz Filho, estes dois últimos contam com o apoio da Intersindical.

Não deixe de votar e preste muita atenção: lembre dos investimentos feitos pela Fundação Elos, da Eletrosul, em ações sem valia da empresa SADE. Se isto acontecer na Fundação Celos os Curadores eleitos pelos empre-

gados denunciarão o fato e convocarão assembleias para decidir sobre o assunto.

A eleição desta segunda-feira vai escolher dois novos Curadores que, junto com os já eleitos anteriormente, representarão os interesses dos empregados. Você só pode escolher um candidato. Os dois mais votados ficarão como titulares e outros dois como suplentes. No total o Conselho de Curadores da Celos é composto por 15 pessoas: três diretores indicados pela empresa e mais 12 conselheiros (seis indicados pela empresa, cinco eleitos pelos efetivos e um pelos aposentados). Esta foi uma conquista difícil dos empregados efetivada em acordo coletivo. O objetivo é levar abertura e transparência para todas as decisões tomadas no Conselho. Por isto o Linha Viva continuará informando, através dos Curadores eleitos, tudo o que se passa na fundação.R

Rejeitada exoneração na Elos

Três curadores da Fundação Elos pediram recentemente a destituição da diretoria daquela entidade. Mas o pedido, colocado em votação entre os Conselheiros foi rejeitado por sete votos, todos dos representantes escolhidos pela empresa.

O pedido, assinado pelos conselheiros Claudius Charles Girard, Aldo Guido Voto e Antonio Waldir Vituri, todos eleitos pelos empregados, tem como base a "posição adotada pela Diretoria Executiva dessa Fundação, de não fazer 'ex-officio' ao conhecimento do Conselho de Curadores, os fatos graves que estão ocorrendo com a gestão econômica-financeira dessa Entidade, constante do Relatório Atuarial, como por exemplo as apropriações indebitas da Patrocinadora, assim como a compra das ações da SADE."

O pedido entrou na pauta da 112ª reunião do Conselho de Curadores, no dia 29 de setembro e o resultado da votação foi de sete votos contra a destituição e três votos a favor.

Linha Viva põe o preto no branco

Com uma reforma gráfica baseada num conceito *clean*, o jornal completa duas centenas de edições. A busca da melhor qualidade continua

O Linha Viva 200, como você pode ver, chegou a suas mãos de roupa nova. Radicalizou: praticamente aboliu o tom cinza de suas páginas para adotar a estética "clean" do preto-no-branco. Mudou tudo: logotipo, capa, central, contracapa, num "banho de loja" planejado pelo ilustrador Frank Maia para conferir mais qualidade e personalidade a um jornal que não cabe em quatro páginas.

O LV troca de roupa de cem em cem semanas. O número um, lançado em dois de março de 1988 não tinha espaço para projeto gráfico: era um jornal com a metade das dimensões atuais, para dar conta do noticiário mais urgente da categoria. Mas como ele foi crescendo, e em menos de um ano já circulava em todo o estado, foi preciso ampliar os horizontes de seu projeto editorial e, em sintonia, gráfico.

O número cem e suas edições seguintes seguiram o projeto desenhado pela gaúcha Cristina Pozzobon, da agência Trama, de Porto Alegre. Pontilharam o jornal de vinhetas (pequenas ilustrações que dão título às diversas

seções do LV) com o tom cinza que caracteriza do LV desde seu primeiro número. E dividiram o veículo em áreas temáticas bem específicas: a página quatro para o noticiário geral, a página central com um espaço para reportagem, as colunas Alta Tensão e Tribuna Livre, e uma coluna de notas. Para a capa, a notícia mais importante da semana.

NOVIDADE - No novo projeto, só o que continua cinza é o logotipo, para manter uma unidade estética com a marca que caracterizou o jornal por todo este tempo. Mas mesmo o logotipo muda substancialmente - agora está em outro tipo de letra e é móvel (poderá estar em diversos locais da página, conforme a disposição das matérias, o que permite maior criatividade na diagramação). Além disso, perdeu a companhia do Urbaninho, aquele personagem que ficava segurando o fio que compunha a palavra Linha Viva. O Urbaninho ganhou "vida" e estará também móvel em algumas páginas do jornal, comentando o noticiário.

A capa mudou. Agora, terá mais informação e será mais legível. Apresentará uma notícia principal, sempre com fotografia ou ilustração. E, junto, uma série de notinhas com as informações mais quentes da semana. A página quatro ganha maior liberdade, para se transformar em "páginas conceituais", como diz Frank Maia. "São páginas integradas com o conteúdo do texto, em que a disposição das matérias, o título, a ilustração, tudo forma um conceito próprio, individual", explica. E a liberdade também chega às páginas centrais: mantidas as colunas de notas, à esquerda, e Tribuna Livre (com nova vinheta), à direita, todo o espaço restante

poderá ser utilizado, da maneira mais criativa, para a distribuição de reportagem. "Aí é que estarão os textos maiores, mas no tamanho máximo de quatro laudas (páginas de texto com 20 linhas de 70 toques), divididos por intertítulos ou boxes (matérias ligadas)".

A idéia de mudar o planejamento gráfico do Linha Viva vinha sendo discutida há meses, mas foi executada em menos de uma semana, no mês de agosto. "A intenção é fazer um jornal limpo e bonito, sem pavonices", diz Frank Maia. Para isso, foram selecionadas letras tradicionais, que não provocassem estranhamento à leitura, e optou-se pela estética do preto-no-branco:

em sintonia com a política editorial do jornal, que pretende estabelecer relações entre os problemas da categoria e as questões nacionais, de maneira objetiva e humana, colocando, como se diz, o "preto-no-branco".

"Essa mudança foi decidida num seminário com diretores da Intersindical em abril, e irá mexer com todas as ligações do projeto antigo do LV", diz o diretor de Imprensa do Sinergia, Dinovaldo Gilioli, que vê com otimismo mais esta novidade num jornal em permanente mutação: "o logotipo vai chamar mais a atenção, e o jornal deverá ficar melhor para o leitor".

Arquivo LV



Desde a sua primeira versão o LV está presente no cotidiano dos eletricitários

Gazaniga monta seu esquadrão da morte

Repetindo mais uma vez o "estilo Collor", o presidente da Eletrosul tenta se sustentar no poder com ajuda dos "amigos" fiéis

A iniciativa da Intersindical de desencadear a campanha "FORA GAZANIGA" provocou reações da empresa. Assim como o presidente destituído Fernando Collor, Gazaniga montou seu "Pelotão de Choque". Entre os escalados não po-

diam deixar de marcar presença Miguel Sedrez, João de Deus, João Randolfo e Mário Pinho.

A primeira investida do esquadrão foi a tentativa de promover o que seria um recheado abaixo-assinado de empregados apoiando a gestão Gazaniga.

Mas não deu certo. O passo seguinte, foi mais modesto, um abaixo-assinado do corpo gerencial, que parece também não ter encontrado receptividade. Estas primeiras manobras aconteceram na sexta-feira passada.

Tão logo passado o feriado do Dia das Crianças, na terça-feira, o assessor da Diretoria Administrativa, Geraldo Correia, convocou cerca de 100 empregados daquela diretoria para fazer uma visita de solidariedade ao presidente. Só que ele esque-

ceu de avisar o motivo para os visitantes. Muita gente que lá esteve procurou o sindicato para registrar sua indignação. Segundo eles, ninguém avisou qual era o motivo do encontro, tendo portanto sido ludibriados.

Pessoas que estiveram nesta reunião contaram ainda que foi tudo "muito inusitado". Segundo os relatos, encontraram, à semelhança de Collor, um Gazaniga agonizante, mas ainda obcecado com sua permanência. Teria prometido que se ficasse até

abril, utilizaria este tempo para implantar um Plano de Cargos e Salários e uma política salarial.

Este lamentável processo, segundo o secretário do Sinergia, Arno Cugnier, "ao envolver empregados e corpo gerencial demonstra a fraqueza desta gestão. Se Gazaniga estivesse seguro, como vinha, teríamos em contrapartida a truculência com a qual nos familiarizamos nestes últimos 28 meses e não esta súbita boa vontade".

Linha Viva 2000: a luta contra os próprios limites

Jacques Mick
Especial para o Linha Viva

Desde o tempo em que surgiu, em 1988, o LV trava uma batalha para superar contradições que tensionam suas quatro páginas. Ele não cabe em si mesmo

Às quatro da tarde de uma quarta-feira, um diretor do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis abre a porta verde da sala de imprensa e dá a notícia:

"Gastão, o Gazaniga caiu!"

Pronto: muda tudo. Em poucas horas, o Linha Viva, que estava sendo preparado com outros assuntos, terá de estar nas mãos de seus felizes leitores - tendo como matéria principal a boa nova trazida pelo sindicalista (uma ficção, neste caso, mas emblemática o bastante para dar uma idéia de como é que funciona este jornal-patrimônio dos eletricitários, que chega a seu número 200 mais inovador, mais ousado, mais positivamente pretensioso. Um jornal que vive nos limites).

Nesta quarta-feira, um telefone na mão de um dos dois repórteres do LV sairia à cata de novas informações, enquanto a outra mão vasculhasse os arquivos - montes de papéis espalhados por toda a sala - à procura de dados que ilustrassem o passado cavernoso do "ex"-presidente da Eletrosul. Depois, o texto final seria burilado nos teclados da estação de editoração eletrônica do LV, de onde sairia diagramado, composto (impresso numa matriz) e pronto para a montagem dos originais que iriam dali para a gráfica, para fotolitagem e impressão.

No dia seguinte, os leitores teriam a notícia quentinha na mão. Afinal, jornal serve para isso mesmo. E, como em todo o jornal, na hora em que o leitor recebesse as notícias da véspera, outro Linha Viva começaria a ser elaborado, nesse processo imortalizado na expressão "não há nada mais velho que um jornal de ontem": pauta, reportagem, diagramação, edição, composição, montagem, gráfica. Que funciona sempre muito melhor na teoria que na prática.

VELHA REMINGTON - Funciona melhor, de qualquer modo, hoje do que há quatro anos e meio, quando em março de 1988, safa o primeiro LV - na metade do tamanho atual, com um jornalista apenas, que trabalhava numa velha Remington, cujas teclas despencavam à medida em que o jornal era escrito. O LV surgiu como broto do boletim manufaturado "Informativo", de curta existência, do qual herdou o "Urbaninho", o personagem simpático que, coitado, segura o logotipo do jornal há duzentas semanas, com a mão esquerda. Surgiu inspirado, de certa maneira, na experiência da "Folha Sindical", o jornal do Sindicato dos Bancários de Florianópolis e Região, que iniciara suas edições semanais em meados de 1987. E tinha a responsabilidade de transmitir, para uma base sindical em expansão, as informações e a orientação política da direção do Sindicato. Era "O Jornal Eletricitário", como permaneceu escrito sobre o logotipo até o centésimo número.

"Era um período de mudança de concepções sindicais, que encontrava um Sindicato que era uma espécie de apêndice do INPS e pretendia,

zados, antes restrito praticamente à Celesc. E deu certo: em dois anos, os filiados passaram de 600 a 4 mil, atingindo cerca de 80% da categoria e aumentando as necessidades de circulação de informações entre direção e base.

Logo seriam contratados dois jornalistas para fazer um Linha Viva que se firmaria cada vez mais: em menos de um ano, o jornal já era distribuído em toda base da Intersindical dos Eletricitários, com tiragem dobrada. Constituiu-se como uma referência para a categoria, tornando real uma observação escrita no número um: "O lançamento do LV representa uma vitória e uma conquista dos eletricitários. Vitória por ser uma afirmação da entidade diante de ataques das empresas contra a organização da categoria. Conquista, por ser mais um instrumento a serviço da luta dos eletricitários".

MÁGICA - Mas o Linha Viva é um jornal que vive nos limites, como já se disse, e o número cem, lançado em junho de 1990, chegou aos leitores completamente revolucionado. "Agora, um novo jornal", era a manchete sobre o texto que explicava as principais transformações no veículo que recém completara dois anos. (Jornais sérios costumam ter vida longa: "Um grande jornal começa a morrer dez anos antes de ir para as bancas, assim como um jornal começa a morrer dez anos antes de editar seu último número", afirma o jornalista Otávio Frias Filho, diretor de redação da "Folha de São Paulo".) A principal mudança: o LV deixava de ser "O Jornal Eletricitário", para ser o jornal de todo mundo, em quatro páginas.

A mágica era simples de explicar, mas difícil de executar. O LV pretendia estabelecer nexos concretos entre o noticiário relativo ao "mundo do trabalho" dos eletricitários e a realidade. A palavra-mágica: "Universalizar" o jornal. Por que? Porque o LV, como o sindicalismo, não poderia se limitar ao universo das lutas da cate-

goria, como se ele se distanciasse do mundo -, como se bastasse a solução das questões que tangem o trabalho e o emprego dos eletricitários para que a vida fosse mais feliz.

A partir do número cem, o LV dobrou de tamanho, e sua quarta página passou a ser habi-

tada pela "universalidade": noticiário de cultura, comportamento, internacional, esporte, filosofia. Parte das páginas centrais também foram dedicadas prioritariamente a questões que ultrapassassem os limites do noticiário, digamos, meramente corporativo: foram a partir das publicadas regularmente informações sobre as lutas de outras categorias, sobre política econômica, sobre políticas governamentais. E enquetes, por onde a categoria poderia expressar seus pontos-de-vista, e "participar do jornal, através do que a gente escreve", como diz Marli Cristina Scomazzon, repórter do LV.

Essa nova cara do LV foi consequência de uma longa discussão dentro da Intersindical, mas, mesmo assim, muita gente ainda tem dúvidas sobre se a opção pela "universalidade" é correta. "Há um tensionamento entre alas da direção sindical; que poderíamos chamar de panfletária e universalizante, que é uma consequência de concepções sindicais distintas", afirma o diretor de imprensa do Sinergia, Dinivaldo Gilioli. Esse "tensionamento" resulta em pressões diretas sobre o processo de elaboração do jornal, no sentido de torná-lo mais restrito às notícias do "mundo do trabalho". E o LV acaba oscilando sua "universalidade" entre esses limites.

ORIGINAIS - Essa pressão é uma consequência, também, de uma relação muito próxima entre jornalistas e sindicalistas: "Aqui, diferente da grande imprensa, o patrão está perto e não é do ramo", afirma Cristina Scomazon, que está há um ano no LV, depois de passar 15 na grande imprensa. "Essa interferência na maioria das vezes é inócua e desgastante". É comum ver, por exemplo, os sindicalistas vasculharem os originais do LV à procura de algum "erro", minutos antes da impressão. Às vezes alguém encontra: "Olha eu acho que aqui, em vez de 'mas', deveria estar escrito 'porém', disse um, outro dia, e completou: "E aqui falta uma vírgula".

Cenas assim entram para o folclore de um jornal que se esforça ao máximo para obter credibilidade, em todos os assuntos. Por denunciar uma bateria de irregularidades na administração da Celesc em 1990, o jornalista Gastão Cassel, editor do LV há 200 números, foi processado por Nogert Wiest - um troféu que guarda junto com os outros méritos do jornal. "Wiest não recorreu aos crimes de imprensa - injúria,

calúnia e difamação -, mas alegou 'abalo de credibilidade da empresa pública' para ingressar com um processo que ainda não chegou ao fim, que eu saiba", diz Gastão. "O problema é que a credibilidade da Celesc tinha sido abalada pelo próprio Wiest"

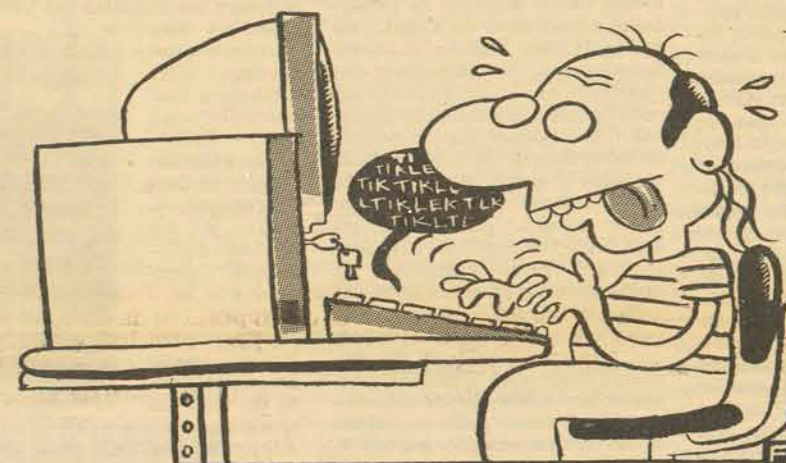
A bateria de denúncias foi um "momento de maturidade do jornalismo feito no Linha Viva", afirma a Gastão, que lembra de outras reportagens em que o jornal mostrou suas qualidades, como nas denúncias das atividades de repressão protagonizadas pelo Comando Delta na Eletrosul e na publicação dos documentos que comprovaram ingerência política do PMDB em contratações na Celesc. Mas, de todas as preocupações que movem o fazer cotidiano deste jornal ambicioso em sua procura da "universalidade", é justamente a página quatro que provoca as maiores manifestações dos leitores. Um exemplo: um artigo do professor de jornalismo Sérgio Weigert sobre os crimes de Guaratuba (PR) provocou a publicação de mais três outros artigos, contestando ou concordando com as opiniões de Weigert.

Mas também é a página quatro que recebe o maior volume de manifestações de resistência de dirigentes sindicais. Outro exemplo: durante uma greve, o LV publicou uma reportagem sobre o último lançamento dos estúdios Disney, Dick Tracy e o assunto foi polêmica em debate sobre o jornal, uma das atividades de greve. No calor da discussão, um sindicalista nervoso com a publicação, protestou: "O que os eletricitários têm a ver com Dick Tracy?", perguntou, vermelho com a veemência da argumentação. A resposta veio em seguida: todos os participan-

tes da reunião já tinham assistido ao filme, recém lançado. Gastão comemora: "A vida é maior que uma campanha salarial". E lamenta:

"É uma pena que nós não tenhamos uma estrutura maior para acompanhar a cada semana os assuntos que mais tenham reflexos sobre a vida das pessoas".

INSOLÚVEL -
Fazer o quê,
não é? O
próprio Gastão
é a pessoa mais
indicada para
diagnosticar o
problema:
"Um jornal



como o Linha Viva convive com uma contradição insolúvel. Ele não cabe em si mesmo, nessa busca pela universalidade. Ele sofre de incompreensão crônica, sempre tensionado pelos limites entre espaço e conteúdo, entre direção sindical e jornalistas, entre as questões da conjuntura e a importância da democratização das comunicações". Um jornal entre o sonho e a realidade.

"É muito difícil um projeto de jornal ultrapassar os limites do Linha Viva em uma categoria", afirma Vitor Schmidt. Mesmo porque é inegável que "a imprensa sindical deve respeitar as demandas da corporação", como diz Cristina Scomazzon. Para Vitor, a contradição insolúvel de que fala Gastão tem saída: "É preciso um projeto de comunicação alternativo para disputar o aparato de comunicação como um todo, sob o ponto-de-vista dos trabalhadores. Mas isso depende do amadurecimento de outras entidades". Enquanto isso, o Linha Viva, jornal nos limites, continuará chegando a seus leitores nas manhãs de quinta-feira, trazendo notícias "frescas como o pão do dia", mesmo que não sejam tão boas quanto a "queda" de Gazaniga.



mais que garantir bons acordos coletivos, que as pessoas fossem de fato autoras das conquistas", explica Vitor Schmidt, ex-presidente do Sinergia e vereador em Florianópolis pelo PT. Uma das primeiras providências dessa nova concepção sindical foi incentivar uma campanha para aumentar o número de sindicali-

Sinergia em busca da sua memória

Para resgatar a sua história, o Sinergia se aliou a professores e alunos de História da UFSC, que desde junho reviram arquivos e documentos procurando os nexos entre o passado e o presente

Texto elaborado pelos pesquisadores do Projeto Memória

Desde julho do corrente ano estamos empenhados num projeto de resgate da memória do sindicato, hoje chamado Sinergia. Como professores e alunos do curso de História da UFSC estamos promovendo através deste trabalho o ensino, a pesquisa e a extensão. Este projeto foi solicitado pelo próprio sindicato que tem fornecido apoio logístico, material de consumo e bolsa de estudos para três dos alunos envolvidos. Ao todo estão trabalhando cinco professores e seis alunos. Estamos em fase de coleta de dados e arriscando, já, algumas conclusões preliminares. Uma equipe de duas alunas: Joseane Zimmermann e Roberta Heloisa dos Santos, com a professora Cristina Scheibe Wolff estão, no momento, coletando dados nos jornais da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Fazem uma leitura do jornal "O Estado" nos anos de 1959, 1960 e 1961, época do surgimento do sindicato. A coleta destes dados permite-nos algumas análises que, embora preliminares, informam sobre a conjuntura da época de formação do sindicato, conjuntura esta, que ao que parece, favorável e perceptível através de inúmeras manchetes, as quais destacam preocupações como o "desenvolvimento" e a "modernização" do país. O período de fundação do sindicato coincide com os "50 anos em 5" de JK, com os planos de metas, a implantação da indústria automobilística, a corrida espacial, Brasília, etc. Por outro lado os jornais falavam, também, muito, do alto custo de vida, de ameaças de greve e do comunismo, afinal, este era o tempo da "guerra fria". No Estado de Santa Catarina a imprensa apresentava, com frequência, questões sobre energia elétrica. O carvão aparece como alter-

nativa de fonte energética, juntamente com as hidrelétricas. Discutia-se sobre como administrar a produção e distribuição da energia, envolvendo de forma muito acirrada os candidatos ao governo do Estado, na época: Celso Ramos e Irineu Bornhausen. Na imprensa encontramos pouquíssimas referências a organização sindical. Catalogamos alguns editais de convocação de assembleias, eleições e greve dos mineiros em Criciúma. Mas, ainda existe muito trabalho pela frente, ou seja, esta fonte poderá nos desvendar outras questões, as quais deverão enriquecer, ainda mais, o trabalho. Além desta pesquisa na imprensa, o Professor Marcos Vinícios de Almeida Saul, está analisando, no sindicato, a coleção de recortes de jornais feitos pelos membros deste e destacando possivelmente os interesses da categoria em determinadas questões que estavam sendo publicadas nos jornais a nível local e nacional. Por seu lado, a aluna Miriam Tesserolli tem feito a análise e fichamento do jornal editado pelo Sinergia, atualmente chamado "Linha Viva". Este semanário, surgido em 1988 veio substituir um "informativo", publica o anteriormente, pelo sindicato e que fornecia dados os mais diversos, à categoria. Nos primeiros tempos constatamos que o "Linha Viva" fornecia dados sobre as lutas, a organização e a mobilização da categoria. Porém em 1989, percebemos uma mudança no enfoque deste semanário. Num documento assinado pelos jornalistas Gastão Cassel e Rosângela Bion, era proposto que o "Linha Viva" fosse, além de organizador da categoria e importante móvel para a ação dos sindicalistas, veículo cultural, abordando cinema, teatro, música, sexualidade, drogas, preconceito, enfim, assuntos que interessavam ao cotidiano das pessoas. Esta mudança, pelo que apuramos até agora, acom-

panha o início da construção da proposta do "sindicato cidadão", deixando para trás as preocupações assistencialistas. O nº 34 do "Linha Viva" afirmava que "sindicato é para lutar, não é um apêndice do INAMPS". A continuidade da pesquisa nos permitirá uma visão mais clara das transformações do sindicato e a expressão destas no semanário "Linha Viva". Uma outra fonte que temos pesquisado são as atas. As de Reunião da Diretoria já foram catalogadas até 1988 e

aquelas das Assembleias Gerais Ordinárias e Extraordinárias até 1977. Neste trabalho Eunice Nodari tem se empenhado e os dados coletados permitem, embora de forma preliminar, traçar um certo perfil da vida do sindicato.

Através das atas da Diretoria notamos as preocupações com questões salariais da época, o espírito assistencialista dos primeiros tempos, bem como a busca de sede própria e a discussão sobre participação em encontros da categoria a nível regional e nacional. As atas, as mais ricas, parece-nos, são as das assembleias gerais, pois além de conter as discussões já citadas, trazem todo o debate em torno da encampação da Elffa pela Celesc e as disparidades salariais que esta questão envolvia. É importante salientar ainda que todo o processo político pelo qual o país estava passando, no período analisado, não é mencionado nas atas, sejam elas de Diretoria ou de Assembleias Gerais. Uma outra fonte, para o resgate da memória do Sindicato, que está sendo analisada, é a correspondência. Esta fonte está envolvendo o maior número de pesquisadores. Coletando dados deste material estão os alunos Karen Christine Réchia e José Carlos Debus e as professoras Joana Maria Pedro e Maria Bernardete Ramos Flores. O trabalho com

esta fonte, em vista da quantidade muito grande de material é o que tem a maior dificuldade de apresentar qualquer resultado, mesmo preliminar. No entanto é justamente nesta abundância que percebemos alguns "flashes" do cotidiano do Sindicato Sinergia. Através da correspondência recebida e expedida constatamos o envolvimento do sindicato com a política nacional e a luta da categoria, sobre o que outras fontes apresentam-se menos generosas, principalmente para os

momento relacionando as pessoas que pretendemos entrevistar e formulando o roteiro da entrevista. Esta fonte oral pretende ser um complemento de "vida" ao "quebra-cabeças" que estamos montando com os documentos até agora analisados. Este trabalho pretende estender-se até março de 1993 quando, com certeza, poderemos oferecer um panorama aproximado da trajetória do sindicato na conquista humana de emancipação. Até lá estaremos "remexendo" em papéis, cole-



Trabalho duro da equipe para romper o silêncio dos documentos

primeiros anos. É através desta correspondência que percebemos as ligações deste sindicato com outras categorias e também com federações e confederações dos urbanitários na luta por melhores condições de trabalho que envolve toda categoria a nível nacional e local. É interessante perceber, por exemplo, que em 1977, correspondência do FNTIU, tratando das questões salariais, vinham povoadas por frases do tipo "Este é um país que vai para frente" ou ainda "A pátria é a união de todos" ou com frases lapidárias como estas "ajudando o governo da redentora revolução de 1964 a manter a paz e a harmonia social". Percebe-se nos textos das correspondências, os discursos da época e infere-se as políticas do período. Já em 1981 e 1983 encontram-se outras discussões e outros discursos. O sindicato, na época recebia inúmeras correspondências do DIEESE, da Comissão Nacional Pró-CUT, de políticos catarinenses, entidades que oferecem cursos de formação sindical, etc. Nosso próximo passo será a coleta de informações através de entrevistas gravadas. Estamos no

tando dados e vendo pipocar aqui e ali as vidas que construíram a história do sindicato e que resgataremos, aos poucos, do silêncio eloquente dos documentos desta história.

Núcleo de História do Trabalho

Coordenadoras:
Joana Maria Pedro e
Maria Bernardete
Ramos Flores

Equipe: Professores:
Cristina Scheibe
Wolff, Laura do
Nascimento Rotolo
Moraes e Marcos
Vinícios de Almeida
Saul

Alunos: Eunice Sueli
Nodari, Joseane
Zimmermann, José
Carlos Debus, Karen
Christine Réchia,
Miriam Tesserolli e
Roberta Heloisa dos
Santos



DA EXPOSIÇÃO
1922

Capa do catálogo: Di Cavalcanti, 1922.



Capa de livro de Oswald de Andrade. Título: O Pau Brasil, 1925. Reprodução de Nêscio Sécure, 1910-1920, p. 246.



Brasão de armas da cidade de São Paulo. A inscrição da frase em latim é: "non solum condidit, conduxit".



ELLES ESTÃO A
SUA ESPERA

PARA COMPLETAR
O BATALHÃO

STE

M.M.D.C.

Cartaz da Revolução Constitucionalista de 1932. Reprodução de Album de Família 1932.

O CALENDÁRIO DE 1992 ASSINALA OUTRAS DATAS QUE PODEM SER OBJETO DE COMEMORAÇÕES ESPECIAIS PARA OS PAULISTAS: OS 70 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA E OS 60 ANOS DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA. A POLEMICA ESTETICA E POLITICA DE 1922 E A REBELIAO DE SÃO PAULO CONTRA VARGAS EM 1932 EVIDENCIAM QUE AS IDEIAS E PROJETOS DE NAÇÃO NÃO SÃO NECESSARIAMENTE UNANIMES.



Concurso literário é investimento na cultura

Estimular a criação literária é o que o Sinergia pretende com o seu concurso Conto & Poesia. Inscrições vão até o final do mês

Mais de 15 trabalhos já estão inscritos no 1º Concurso Literário de Conto e Poesia, lançado pelo Sinergia para promover o intercâmbio cultural e estimular a criação literária. As inscrições encerram no dia 30 de outubro e o julgamento vai acontecer em novembro, com o posterior lançamento de uma antologia com os trabalhos dos vencedores.

O regulamento do concurso orienta que poderão participar catarinenses (residentes ou não no Estado) e não-catarinenses residentes no Estado. Os participantes poderão apresentar, em língua portuguesa, até três textos inéditos (não publicados em livro) em cada gênero datilografados em espaço dois, em três vias originais ou cópias xerografadas. Os contos não devem ter mais de dez páginas e as poesias cinco páginas.

Em cada conto ou poesia deverão constar apenas o título

conto
poesia



e pseudônimo do autor. Junto com os trabalhos, os participantes deverão encaminhar um envelope fechado contendo: título, pseudônimo, nome e endereço completos, telefone, local e data de nascimento, profissão, grau de escolaridade e breve currículo. Externamente devem constar no envelope o título dos trabalhos e pseudônimo.

Os trabalhos deverão ser remetidos até o dia 30/10/92 (valendo a data do carimbo como prazo final de inscrição, se enviados pelo correio) para: 1º CONCURSO LITERÁRIO,

Sindicato dos Eletricistas de Florianópolis, Rua Lacerda Coutinho, 149 - CEP 88015-030 - Florianópolis/SC, fone (0482) 22-38-66.

O departamento de Cultura do Sinergia indicará, para cada gênero, uma Comissão Julgadora constituída de três membros que procederá a triagem dos trabalhos, classificando 30 poesias e 15 contos. Os trabalhos não classificados não serão devolvidos.

Os 45 trabalhos selecionados serão reunidos em Antologia cabendo aos autores premiados dez exemplares da obra editada. Aos classificados não será paga nenhuma taxa monetária a título de direitos autorais. Após o julgamento os participantes serão notificados do resultado pelo correio e por divulgação pela imprensa. Em data, previamente marcada, será feito o lançamento da Antologia e entrega dos livros aos classificados. A remessa dos trabalhos constituirá por si só a inscrição no concurso, dela se depreendendo a aceitação, por parte do participante, das normas contidas no regulamento.

Pátria amada esquartejada

Exposição de cartazes traz a memória dos 500 anos da América para um reflexão sobre o Brasil. A mostra está na Eletrosul e logo será transferida para a Celesc

Soraya Nor
Diretora do Sinergia

O Sindicato dos Eletricistas de Florianópolis está promovendo uma exposição de cartazes produzida pelo Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo. A mostra *Pátria Amada Esquartejada* faz parte do projeto "500 anos: Caminhos da Memória, Trilhos do Futuro".

De forma surpreendente e inusitada os cartazes nos levam a refletir sobre o conceito de Nação. Essa reflexão inicia pelas datas que se comemoram nesse ano de 1992: os 500 anos do descobrimento da América, os 200 anos da execução de Tiradentes, os 170 anos de Independência do Brasil, os 70 anos da Semana de Arte Moderna e os 60 anos do movimento constitucionalista de 1932, que nos convidam a pensar os significados atribuídos às marcas cronológicas, como se a história fosse linear, evolutiva e pacífica.

Num segundo momento é demonstrado que em nome das Nações procura-se justificar guerras, conquistas, dominação, escravidão, racismo e conflitos. A seguir passa-se ao Brasil onde a ilusão de uma unidade nacional é construída através da simbologia das cores da bandeira, hinos e heróis capazes de

ocultar nossas diferenças. Tiradentes - o "herói nacional", foi escolhido como metáfora corporal da Nação (e da exposição, fazendo do seu esquartejamento a imagem mais próxima da multiplicidade contraditória das forças sociais que compõem o país. Busca-se assim recuperar os diferentes sujeitos históricos silenciados e desqualificados pela memória oficial.

A exposição encerra-se com uma pergunta sobre os significados que o Brasil pode ter para cada pessoa e nos deixa diante de várias outras perguntas sobre os diferentes sentidos que podem estar presentes no afeto que todos dedicamos ao país em que nascemos.

Esse conteúdo histórico e social nos é passado através de fotos, gravuras e pinturas de época acompanhados de textos muito bem articulados e inquietantes, por vezes compostos por letras de música e poesia que nos permitem também fazer um paralelo com nossas manifestações culturais.

Sem dúvida é uma exposição que merece ser vista e "pensada". Fica aqui nosso convite.

A exposição, que conta com apoio da Elase e Abcelesc, pode ser vista até o dia 23 de outubro no hall da sede da Eletrosul e depois, de 3 a 16 de novembro na entrada do prédio central da Celesc em horário comercial.

Eletrosul censurou



A exposição *Pátria Amada Esquartejada* foi censurada na Eletrosul. A disposição dos painéis foi alterada de forma a dificultar sua visualização e prejudicar a compreensão cronológica da história. Foi clara, também, a intenção de esconder algumas frases contidas nos cartazes. É lamentável que ainda hoje, depois das tristes lições que o Brasil aprendeu durante a ditadura militar, hajam pessoas adeptas da censura.

Os organizadores da exposição conseguiram reverter a intervenção a tempo, mantendo a disposição original.

Tchau velhinho!



Sérgio Weigert
Prof. de Jornalismo na UFSC

A morte de Ulysses Guimarães está sendo chorada em todos os cantos deste país. Referências e comentários estão sendo feitas, desde os pequenos jornais de sindicato até os grandes diários de circulação nacional. Isto tudo sem contarmos as inúmeras homenagens anônimas que se realizaram e ainda estão se realizando. Com efeito, existem indivíduos cuja morte torna mais nítidas e mais presentes dimensões fundamentais de suas vidas, deixando-os como uma espécie de herança para as gerações que os sucedem. O que garante a estes homens esta cota tão importante de universalidade?

Em Ulysses Guimarães não é difícil perceber que coexistiram, contraditoriamente, dois traços em sua personalidade política: a moderação e a indignação. E neste breve texto quero defender que o caminho de sua universalização não vamos encontrá-lo no seu aspecto moderado e conciliador. Ao contrário, por esta trilha, Ulysses apenas conduziu-se dentro do que tem sido a tradição das classes dominantes neste país. Aquela que nos leva aos acordos palacianos, às intrigas de gabinete, aos pactos arranjados "por cima" em detrimento dos "de baixo". Vimos, por exemplo, esta tradição manifestar-se recentemente da "CPI do impeachment" quando não foram poucas as profecias (e as apostas) de que ela não ia dar em nada. Estas afirmações se baseavam na própria tradição brasileira em que os grandes problemas do país são esvaziados de conteúdo e de sentido entre quatro paredes. Ao mesmo tempo em que se acertam, sem polémicas indesejáveis, os interesses das elites. Assim, não é difícil perceber que moderação e conciliação são apenas os outros nomes para este acordo entre as elites. Não é difícil perceber também que este não é o lugar da universalidade humana, mas o da defesa dos particularismos dos indivíduos e das classes.

Ora, a grandeza de Ulysses Guimarães reside no fato de que, nos momentos cruciais, sempre soube superar-se, superando esta dimensão pequena e mesquinha, abrindo-se, com sensibilidade, à pluralidade dos interesses em conflito. Abrindo-se, portanto, de forma receptiva, às exigências das maiorias. Neste sentido, a sua moderação termina cedendo lugar à sua indignação. E é como um indivíduo politicamente indignado que ele passa a história do país. É a sua indignação que ficará como exemplo às inquietas adolescências deste país.

Neste movimento, Ulysses, ultrapassa os interesses limitados e específicos das elites, recusa os acordos dos gabinetes, prefere o calor e a luz das praças onde a solidão coletiva de milhões se transforma em solidariedade, se transforma em luta. Vimos isto tudo, com muita nitidez, na campanha das diretas. Mas não só aí. Durante o sombrio período da ditadura militar, momento em que as pessoas se calavam ou eram caladas, Ulysses falou, protestou, denunciou. Era também o fácil momento em que muitos procuraram a sombra do regime e aí, devidamente abrigados construíram suas carreiras políticas ao custo do aluguel de suas consciências. Estes fatos põem em relevo e dimensionam as atitudes de Ulysses

Guimarães e explicam também porque mais acima pudemos utilizar o conceito de grandeza para qualificá-lo. É que Ulysses escolheu viver uma contraditoriedade política que a maioria de seus contemporâneos não escolheu e soube também superar as hesitações e debilidades presentes nas suas origens políticas, o PSD mineiro. Ao longo de sua ainda mais longa carreira, Ulysses, destaca-se deste cenário indistinto e confuso, caminha para uma posição cada vez mais clara e mais nítida. E assim num país de tão dificultosa história de democracia ele chega ao final de sua vida como quase-sinônimo de luta por um regime de crescentes liberdades e crescente exercício sem tutela da cidadania.

Estas opções vão torná-lo um indivíduo politicamente identificado com a grande indignação das maiorias. Indignação que não nos abandona, ao contrário recrudescer, quando minimamente levantamos o véu da realidade que nos rodeia e vemos a miséria material e moral que nos rodeia, os milhões e milhões de famintos, analfabetos, doentes e dementes que rodeiam o nosso cotidiano e constituem, por assim dizer, a invisível arquitetura deste nosso mundo.

Portanto, se Ulysses Guimarães com a sua saudável indignação contribuiu para tornar mais claro tudo isto, o mínimo que lhe devemos, no momento em que nos deixa, é lembrar este aspecto da sua existência, como indivíduo e como personalidade política.

Dissemos já que Ulysses escolheu

viver uma contraditoriedade política que a maioria dos seus contemporâneos recusaram. Mas ainda não é isto o mais importante: o que não podemos esquecer é que ao buscar uma síntese desta contradição ele não escolheu o lado das possibilidades vitoriosas e sim o das realidades mais comprometidas e humanas.

